

Aumento do Emprego Contrasta com Desindustrialização em SP e RJ

Antonio Marcos Ambrozio*

3 de setembro de 2007

Ao final de 1995, havia no Brasil 23,8 milhões de trabalhadores formalmente empregados. Em dezembro de 2005, esse número havia subido para 33,2 milhões. Houve, assim, o ingresso líquido de 9,4 milhões de trabalhadores nesse período, o que corresponde a uma taxa de crescimento do emprego formal de 3,4% ao ano.

Esse aumento do emprego não beneficiou, no entanto, todos os tipos de trabalhadores, regiões e setores da mesma forma. Houve mudanças significativas no perfil de escolaridade da mão-de-obra empregada, com aumento líquido de empregos mais qualificados – mais de oito anos de estudo – e redução do número de menos qualificados. Na dimensão regional, o Sudeste – mais especificamente Rio e São Paulo – perdeu importância relativa. Em termos setoriais, observou-se uma enorme contração no emprego industrial entre 1996 e 1999.

Diante desse cenário, o objetivo deste informe é analisar a evolução do emprego entre 1996 e 2005, com foco na natureza heterogênea desse movimento, em termos setoriais, regionais e do grau de qualificação dos trabalhadores. Ao final, pretende-se analisar se, no caso do setor industrial, os dados referentes ao mercado formal de trabalho corroboram a existência de um processo de desindustrialização no Rio e em São Paulo.

A Evolução do Emprego Total e sua Dimensão Setorial

Segundo os dados da RAIS,¹ o mercado de trabalho formal brasileiro cresceu 3,4% ao ano, entre 1996 e 2005.² Trata-

* **Economista da Secretaria de Assuntos Econômicos (SAE) do BNDES.**

¹ A Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) é uma base estatística referente ao mercado de trabalho formal, que, além dos trabalhadores celetistas, inclui também os estatutários, temporários e avulsos.

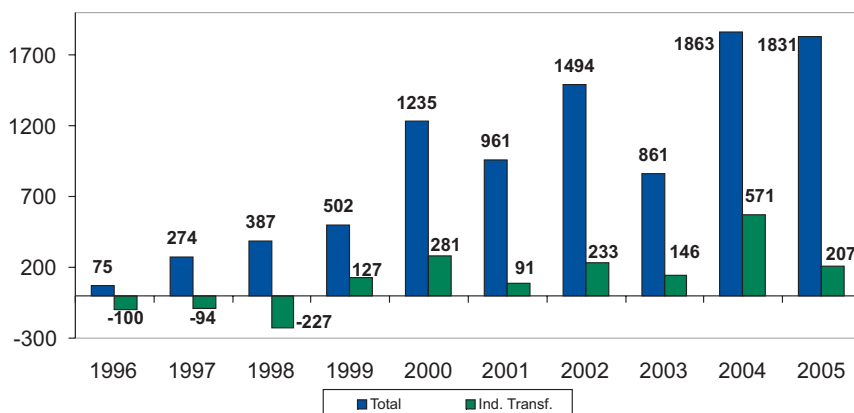
² Último ano em que os dados da RAIS estão disponíveis.

se de uma taxa superior à variação real média do PIB no mesmo período, de 2,4%. Esse crescimento do emprego não se deu, no entanto, uniformemente ao longo do período. Entre 1996 e 1999, foi de apenas 1,3% a.a., ou seja, foram criados liquidamente cerca de 300 mil empregos por ano. Já entre 2000 e 2005, essa taxa alcançou 4,9% a.a., um percentual quase quatro vezes maior, o que representou mais 1,37 milhões de empregos por ano.

Além das diferenças entre os dois períodos, a evolução do emprego também foi heterogênea do ponto de vista setorial. Como se pode ver no Gráfico 1, a mudança no padrão de geração de emprego entre os períodos 1996-1999 e 2000-2005 foi particularmente intensa, quando se considera a Indústria de Transformação. Entre 1996 e 1999, houve nesse setor uma destruição líquida de cerca de 300 mil postos de trabalho, ou seja, 50 mil por ano. Já entre 2000 e 2005, o emprego na Indústria de Transformação se recuperou de modo expressivo, quando foram criados liquidamente cerca de 1,5 milhão de novos postos, ou seja, 300 mil por ano.

Como resultado, a Indústria de Transformação perdeu participação no emprego total, entre 1996 e 1999. De acordo

Gráfico1
Saldo Líquido de Emprego: Geral e na Indústria de Transformação
(em milhares)



Fonte: RAIS.

com a Tabela 1, esse percentual caiu de 20,8% para 18,4%. Desde então, apesar do crescimento observado, essa participação manteve-se relativamente estável, alcançando 18,5% em 2005. O desempenho da Indústria contrasta com o dos demais setores. Houve aumento expressivo na participação do Comércio, de quase 4 pontos percentuais entre 1995 e 2005, quando passou de 14,2% para 18,1%. Entretanto, no que diz respeito aos Serviços e à Administração Pública, o cenário foi de relativa estabilidade.

Tabela 1
Participação dos Principais Setores no Emprego – Anos
Selecionados
(em %)

Ano/Setor	Indústria de Transformação	Comércio	Serviços	Administração Pública	Outros	Total
1995	20,8	14,2	30,8	23,2	11,0	100,0
1999	18,4	15,8	32,0	23,9	9,9	100,0
2005	18,5	18,1	31,6	22,7	9,1	100,0

Fonte: RAIS.

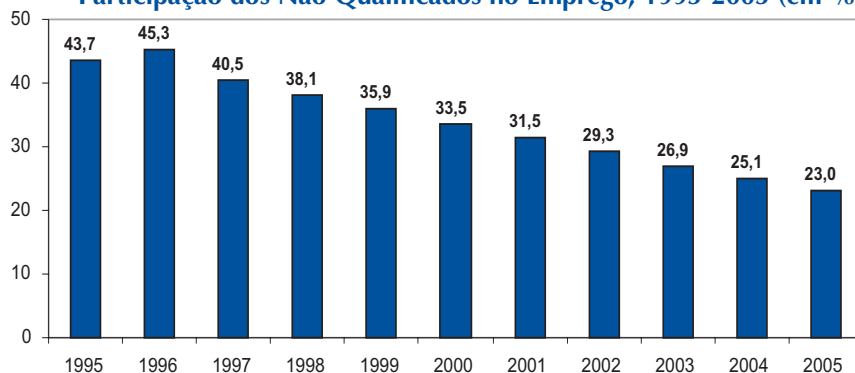
Mudança na Qualificação do Emprego

Uma das mudanças mais importantes no perfil do mercado formal de trabalho foi o aumento da média de anos de escolaridade. Como mostra o Gráfico 2, houve uma expressiva redução na participação dos não-qualificados (oitava série incompleta, ou menos), que caiu de mais de 45%, em 1996, para apenas 23%, em 2005. Esse resultado deveu-se, de um lado, a uma destruição líquida de emprego não-qualificado, e, de outro, a um forte crescimento do emprego de qualificados – com a oitava série completa, ou mais –, que, nos mesmos anos, passaram de menos de 55% para 77% do total do emprego formal.

A redução do emprego não-qualificado ocorreu de forma generalizada na economia. Como se pode ver na Tabela 2, a destruição líquida de emprego não-qualificado ocorreu em todos os setores. Foi, no entanto, mais acentuada entre 1996 e 1999 – média de 326 mil postos de trabalho por ano – do que entre 2000 e 2005 – média de 217 mil. O epicentro desse processo foi

Gráfico 2

Participação dos Não-Qualificados no Emprego, 1995-2005 (em %)



Fonte: RAIS.

a Indústria de Transformação. No primeiro período, mais da metade da destruição líquida dos empregos de baixa escolaridade – 167 mil por ano – ocorreu nesse setor. No período seguinte, esse número reduziu-se para 45 mil por ano, ou seja, 20% do total.

A partir de 2000, diferentemente da Indústria, outros setores mostraram uma aceleração no processo de destruição de emprego não-qualificado, o que denota sua tendência à generalização pelo restante da economia. Nos Serviços, a redução média anual

Tabela 2
Saldo Líquido do Emprego por Qualificação – Brasil e Principais
Setores, 1996-1999 e 2000-2005
(média anual – em milhares)

Tipo de Emprego Setores/Período	Emprego Não-Qualificado		Emprego Qualificado	
	1996-1999	2000-2005	1996-1999	2000-2005
Indústria de Formação	-167	-45	100	300
Comércio	-36	-29	198	374
Serviços	-52	-83	258	504
Administração Pública	-3	-60	135	322
Outros/Ignorado	-68	0	2	92
Brasil	-326	-217	693	1592

Fonte: RAIS.

passou de 52 mil postos de trabalho, entre 1996 e 1999, para 83 mil, entre 2000 e 2006, e, na Administração Pública, de 3 mil para 60 mil, respectivamente.

A geração de emprego qualificado foi mais robusta no período 2000-2005. O crescimento desse tipo de emprego foi significativo em todos os setores, com destaque para Indústria de Transformação, cujo saldo líquido triplicou entre os dois períodos. Em termos do número absoluto de empregos, o destaque ficou por conta de Serviços, que gerou liquidamente cerca de 500 mil empregos qualificados por ano, entre 2000 e 2005 (mais de 3 milhões no período).

Movimento de Deslocamento do Emprego

Em termos regionais, houve uma clara perda de participação relativa do Sudeste. Como se pode ver na Tabela 3, essa região, que era responsável por quase 56% do emprego formal em 1995, passou a responder por menos de 52% em 2005. Trata-se de uma perda de 4 pontos percentuais em favor do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste.

O processo foi ainda mais agudo na Indústria de Transformação. Nesse setor, o declínio da participação do Sudeste foi de mais de 8 pontos percentuais. Esse comportamento foi específico dessa região, uma vez que as demais registraram um

Tabela 3
Participação no Emprego Total e no Emprego na Indústria de Transformação, por Regiões – Anos Selecionados (em %)

Participação	Participação no Emprego Total			Participação no Emprego Industrial		
Região/Anos	1995	1999	2005	1995	1999	2005
Norte	3,8	4,1	5,0	2,5	2,8	3,8
Nordeste	16,2	16,7	17,5	10,8	11,7	12,7
Sudeste	55,8	53,8	51,8	61,1	56,5	52,9
Sul	17,3	17,6	17,5	22,7	25,2	26,0
Centro-Oeste	6,9	7,7	8,3	2,8	3,9	4,6

Fonte: RAIS.

aumento de participação no emprego industrial. O destaque foi o Sul, cuja participação aumentou 3,3 pontos.

A ótica regional esconde, no entanto, o fato de que a redução do emprego industrial foi um processo geograficamente ainda mais concentrado. Entre as unidades da federação, apenas quatro estados tiveram queda na participação no emprego industrial entre 1996 e 2005, dos quais os mais relevantes foram São Paulo (-6,9 p.p.) e Rio de Janeiro (-2,4 p.p.).³ Desta forma, percebe-se que a explicação para a queda de participação do Sudeste foi o mau desempenho dos estados do Rio e, principalmente, de São Paulo (Tabela 4). A perda de participação dos dois estados no emprego industrial se deu tanto em relação ao emprego não-qualificado quanto ao qualificado.

No caso de São Paulo, apesar de a perda de participação ter sido muito elevada, chegou a haver crescimento absoluto da população com emprego formal na Indústria, entre 1996 e 2005. Esse aumento, no entanto, foi de apenas 105 mil pessoas, número pequeno frente ao tamanho absoluto da força de trabalho industrial paulista, de quase 2,2 milhões, em 2005.

A situação no Rio de Janeiro pode ser considerada mais dramática. A queda de participação no emprego na Indústria de

Tabela 4

Evolução do Emprego Industrial por Anos e Estados Selecionados

UF / Anos	Emprego Industrial (em milhares)			Participação no Emprego Industrial (em %)		
	1995	1999	2005	1995	1999	2005
Pernambuco	149	125	160	3,0	2,7	2,6
Rio de Janeiro	385	306	335	7,9	6,6	5,5
São Paulo	2.086	1.756	2.192	42,6	38,1	35,7
Outros	2.277	2.416	3.446	46,5	52,5	56,2
Total	4.897	4.604	6.133	100,0	100,0	100,0

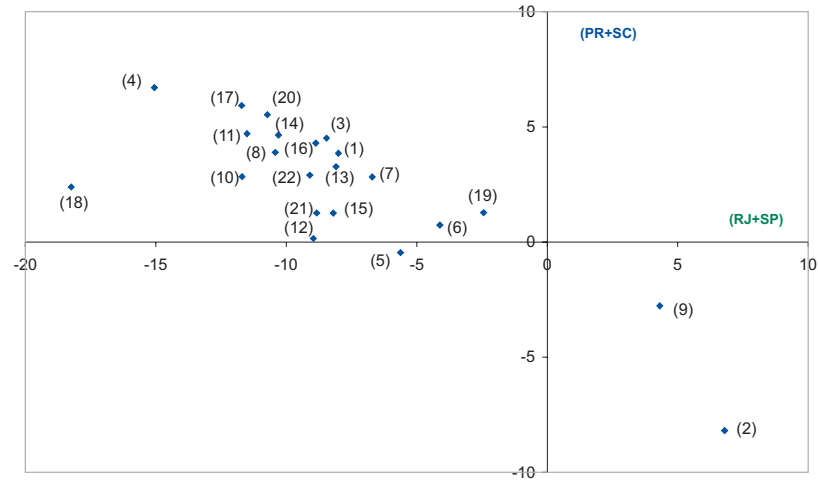
Fonte: RAIS.

³ Nos outros dois estados – Pernambuco (-0,4 pontos percentuais) e Maranhão (-0,02 pp) –, as perdas relativas foram de muito menor dimensão relativa.

Transformação, de 2,4 pontos percentuais, apesar de muito inferior à paulista, significou a destruição líquida de quase um terço do emprego industrial, entre 1996 e 2005. No que diz respeito ao número absoluto de empregos gerados, dentre todos os estados, o Rio foi o único a registrar destruição absoluta de postos na Indústria de Transformação.

A queda de participação do Rio e de São Paulo no emprego industrial, entre 1996 e 2005, apresentou algumas características importantes. A primeira é que foi generalizada. A perda de

Gráfico 3
Varição na Participação do Rio e São Paulo no Emprego por Segmentos Industriais Comparada com a Mesma Variação para o Paraná e Santa Catarina, 1996-2005



(1) Alimentos e Bebidas	(2) Fumo	(3) Têxteis
(4) Vestuário	(5) Couros e Calçados	(6) Madeira
(7) Papel e Celulose	(8) Edição e Impressão	(9) Refino de Petróleo e Alcool
(10) Produtos Químicos	(11) Borracha e Plástico	(12) Minerais não-Metálicos
(13) Metalurgia	(14) Produtos de Metal	(15) Máquinas e Equipamentos
(16) Máq. para Escritório e Informática	(17) Aparelhos Elétricos	(18) Material Eletrônico
(19) Equip. Médico-Hospitalar	(20) Veículos	(21) Outros Equip. Transporte
(22) Móveis e Ind. Diversas		

Fonte: RAIS.

participação dos dois estados se deu em todos os segmentos da Indústria de Transformação, à exceção do setor de fumo e o de refino de petróleo e álcool. Assim, a menor importância do Rio e São Paulo na geração do emprego industrial não pode ser explicada pelo baixo dinamismo de segmentos específicos importantes.

A segunda é que essa queda está associada a um deslocamento de empresas para outros estados. Nota-se uma expressiva correlação negativa,⁴ por segmentos da Indústria de Transformação, entre a perda de participação no emprego no Rio e São Paulo e o aumento de participação no emprego no Paraná e Santa Catarina – estados que mais aumentaram a participação no emprego industrial.

Entre 1996 e 2005, os segmentos industriais nos quais Rio e São Paulo mais perderam participação foram, em geral, os mesmos nos quais Paraná e Santa Catarina mais cresceram. Como mostra o Gráfico 3, esse deslocamento é bem nítido nos setores de Vestuário; Aparelhos Elétricos; Veículos; Borracha e Plástico; e Material Eletrônico.

Considerações Finais

Os dados da RAIS mostram que as mudanças verificadas no mercado de trabalho formal no Brasil, entre 1996 e 2005, apontam para um processo de natureza estrutural. Isto se revela no fato de que, sob óticas distintas, observou-se a existência de ganhadores e perdedores (ver Tabela 5) . Assim, por exemplo:

- ao lado da criação líquida de 12,3 milhões de empregos qualificados, houve uma destruição líquida de 2,6 milhões de empregos não-qualificados;
- a Indústria perdeu participação relativa para o Comércio; e
- enquanto se verificou uma forte perda de participação de Rio e São Paulo, aumentaram os postos de trabalho em outros estados, como Paraná e Santa Catarina.

⁴ Coeficiente de correlação de -0,82.

Tabela 5
Síntese dos Ganhadores e Perdedores no Processo de Geração de Emprego, 1996-2005

	Perdedores	Ganhadores
Qualificação	Oitava série incompleta ou menos	Oitava série completa ou mais
Setor	Indústria entre 1996 e 1999	Serviços entre 1996 e 1999 Indústria a partir de 2000 Comércio em todo o período
Região	Rio e São Paulo	Paraná e Santa Catarina (Emprego industrial)

Do ponto de vista global, verificou-se que, entre 1996 e 2005, conviveram no mercado formal de trabalho duas tendências. A primeira foi a intensa destruição líquida do emprego formal para trabalhadores com baixa escolaridade. Esse movimento foi muito forte na segunda metade da década de 1990, particularmente na Indústria de Transformação. A partir de 2000, o fenômeno continuou presente na economia, porém de forma menos intensa e mais generalizada, impactando com maior intensidade a Administração Pública e Serviços. A segunda tendência foi o aumento do emprego qualificado, de forma menos intensa no primeiro período – 700 mil postos por ano –, mas se acelerando a partir de 2000, com a criação anual de quase 1,6 milhão de postos de trabalho anuais.

No que diz respeito à Indústria de Transformação, houve uma redução da participação desse setor no emprego formal, em boa medida decorrente da destruição de postos de trabalho não-qualificados. Os dados *per se* não apontam para um processo de desindustrialização em nível nacional. Uma análise mais detalhada mostra que esse foi o caso dos estados mais industrializados do país: São Paulo e, particularmente, o Rio de Janeiro. Esse fenômeno esteve, em boa medida, associado a deslocamentos para estados do Sul, notadamente Paraná e Santa Catarina.